

Da minha biblioteca

As Primeiras Coisas

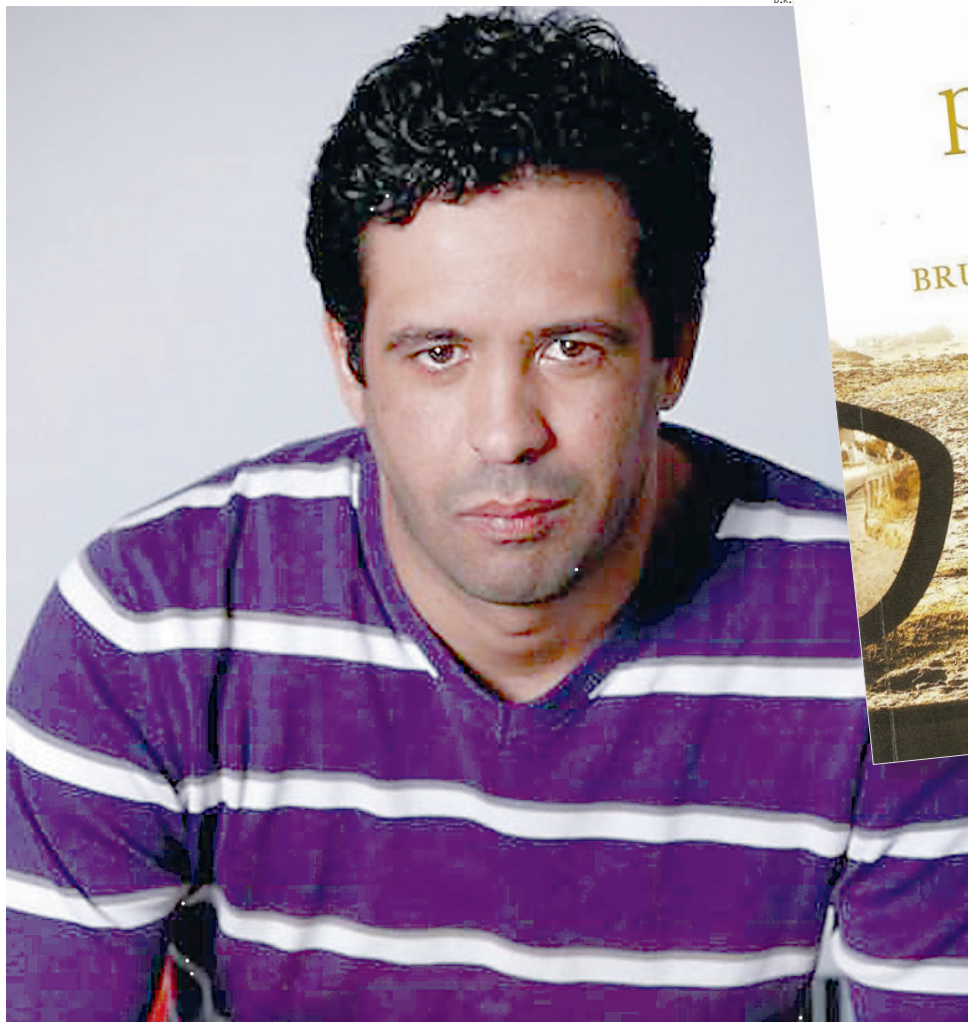


Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Quando começo a ler um livro, gosto de ver as epígrafes e de pensar que estão ali com algum propósito conectado com aquela obra concreta, recontextualizadas. Fico sempre curiosa por ver o sentido que fazem (ou não). E depois esqueço-me completamente. Acabo de ler o livro, discuto-o com amigos, recomendo-o (ou não) e volta para a prateleira. Só quando regresso a ele (para o emprestar, ou por saudades – sim, às vezes tenho saudades de um livro – ou para sobre ele escrever, como é o caso) é que me apercebo que tem epígrafe. Claro que há algumas inesquecíveis, como a de *Memórias de Adriano*, de M. Yourcenar (*Animula vagula, blandula, Hospes comesque corporis...*), mas a maioria não sobrevive com a memória do livro.

Releio a epígrafe de *As Primeiras Coisas* (Quetzal, 2013), romance de Bruno Vieira Amaral (mais conhecido como crítico literário e autor de um outro livro, muito útil e usado por muitos jovens às voltas com a disciplina de Literatura, *Guia para 50 Personagens da Ficção Portuguesa*): «Por toda a Hiroxima, as paredes e outras estruturas que permaneceram de pé preservaram sombras de pessoas ou de objectos. Todas elas na direcção do clarão de luz. A criação de tais imagens é semelhante à marca deixada no braço por um relógio no fim de um dia ao sol na praia.» Charles Pellegrino, *O Último Comboio de Hiroxima*. E tudo faz sentido. Se não tivesse que dar mais informações sobre o livro, diria que *As Primeiras Coisas* é constituído pelas sombras de pessoas e objetos que marcaram o percurso de Bru-



O escritor e crítico literário Bruno Vieira Amaral

no (personagem homónima do autor e que com ele partilha algumas características, como o próprio admite. Para que fique claro, sempre que mencionar apenas este nome próprio, é à personagem que me estou a referir).

Virgílio

Tal como Dante teve o poeta latino para o guiar ao Inferno, também Bruno tem o seu Virgílio, um velho fotógrafo que o acompanha numa viagem forçada ao passado. Digo «forçada», porque Bruno regressa ao Bairro Amélia (um bairro periférico, na «margem certa» do Tejo, onde foram parar muitos deslocados que tinham ido procurar melhores condições na capital, a quem se juntaram os retornados sem vontade de continuar a viver em hotéis e a quem as famílias, quando as havia, tinham voltado as cos-

tas) de onde saíra depois da adolescência, apenas porque está desempregado («Regressar assim foi uma espécie de rendição, um cessar-fogo forçado», p.13), mas, por outro lado, dado o estado de prostração da personagem, este encontro com o fotógrafo foi a sua salvação: «Senti-me aturdido, como se estivesse a recuperar de uma anestesia. Ressuscitei no momento em que vi o conteúdo do envelope. *Então moveu-se e eu segui-o logo*» (p.56). Se ainda não tivéssemos percebido, esta citação (v.136 do canto I do *Inferno*, de Dante) iria situar-nos no momento em que o poeta italiano, personagem e autor, aceita o desafio de percorrer com o vate os círculos do Inferno. E mesmo estando perante uma obra de ficção, não podemos deixar de vislumbrar a vontade de, também aqui, autor e personagem se misturarem no caminho

que é percorrido, assumidamente próximo do de Dante: «Guiado por Virgílio, pela profundidade dos seus olhos, pela experiência dos seus passos recatados, deixei-me levar para o interior do grande labirinto que eu conhecia desde criança e que me era tão estranho como uma terra fictícia, não cartografada».

Dicionário incompleto, inventário amputado de sonhos

É desta forma que Bruno descreve a obra que apresenta («Sem exagero, acho que este dicionário incompleto, inventário amputado de sonhos, memórias, fontes impressas ou descrições sem sentido, me salvou», p.57), no fim de um prólogo (pp.11-57), em forma de narrativa breve, preparando o leitor para o ambiente criado.

A estrutura deste «dicioná-

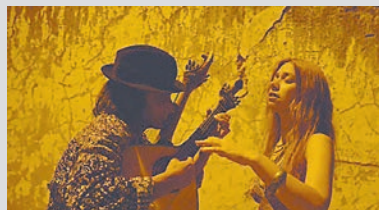


gumas vezes emocionei-me. Para terminar, deixo aqui um excerto de uma das entradas do dicionário de que mais gosto:

«O avô era tudo, árvore magnífica, rocha antiga e inabalável (...). Certo dia, (...) o pai, intrigado pela proximidade de avô e neto, quis pôr à prova os laços que os uniam. (...) Como a criança se recusasse a trair o avô, a embarcar na corrente de ódio, a mão do pai levantou-se para lhe cair com toda a fúria e frustração nas faces, nos braços, nas costas. O violento turbilhão de rancor terminou com o pai cansado de não ver as lágrimas no rosto

do filho, a criança ainda imune ao vírus do ressentimento, os olhos magnânimos, 'perdoote, pai, pois não sabes o que fazes'. Então o pai sentou-se, exausto, e viu a figura do velho avançar para a criança, a ancestral firmeza dos braços recuperada. O avô pegou no neto ao colo, os braços da criança enlearam-lhe o pescoço, as mãos miúdas e suaves na pele rugosa, como os veios de um rio que secou, os nós de uma árvore que dura, e essa união fundamental e incompreensível entre dois seres envergonhou o pai, que se levantou num vagar imbecil e estupefocado e foi para a rua associar-se aos cães que se arrastavam junto dos muros. (...) A criança fez-se homem, o velho fez-se mais velho (...). Houve uma manhã, (...) Diógenes acordou mas tardou a levantar-se. Quando o fez, aproximou-se da porta do quarto do avô. (...) Não se ouvia nada. (...) Quando entrou, viu a cama vazia. (...) Correu para a rua. Ninguém.» (p.106-7, «Diógenes»).

Mas nós sabemos, pela epígrafe, que, tal como o clarão de Hiroxima, permanecem em nós as sombras que resultaram da luz emanada por aqueles que já nos deixaram.



"MÚSICA MUNDI: FAD'NU"

30 AGO | 21.30 | Centro Cultural de Lagos

Um projecto que vive da cumplicidade intimista que nasce do diálogo cénico e musical entre a cantora (Cátia Alhandra) e o guitarrista (José Alegre), personagens fulcrais e identificadoras do género reconhecido como Fado



"CONCERTO DE MAYRA ANDRADE"

14 AGO | 22h00 | Palácio da Galeria - Tavira

A cantora cabo-verdiana traz à cidade do Gilão as suas sonoridades, que vão desde o romantismo ocidental até à sensualidade do sul, o reggae tradicional e a música africana